



# HH e YHWH: Hilda Hilst e o deus javista

Bernardo Nascimento de Amorim

Universidade Federal de Minas Gerais (Doutorando)

Descansa.

O homem já se fez

O escuro cego raivoso animal

Que pretendias.

Hilda Hilst

**Palavras-chave:** Poesia brasileira contemporânea, Hilda Hilst, Bíblia hebraica.

**Keywords:** Contemporary Brazilian poetry, Hilda Hilst, Hebrew Bible.

No *Gênesis*, primeiro livro do *Pentateuco*, parte da Bíblia hebraica, que se constitui como uma narrativa da criação do mundo e do ser humano, uma cosmogonia, assim como uma antropogonia, em diversos momentos, escuta-se a voz de Iahweh, que dialoga com os homens e com os anjos. Nestas passagens, observa-se de modo direto a ação da personagem, que, através da fala, como no teatro, constitui os seus caracteres. Aristóteles já dizia, no que ficou conhecido como a sua *Arte poética*, serem dois dos elementos fundamentais da tragédia o caráter e as idéias, de acordo com ele, «causas naturais das ações» (Aristóteles, 2005: 25), aquilo que, «necessariamente» (ibid.: 25), distinguiria as pessoas. Por caráter, o filósofo entendia ser «aquilo segundo o que dizemos terem tais ou tais qualidades as figuras em ação» (ibid.: 25). As idéias, por sua vez, seriam «os termos que [as personagens] empregam para argumentar ou para manifestar o que pensam» (ibid.: 25).

Aproveitando a lição de Aristóteles, embora diante de outro objeto, de tradição diversa da que informava o pensador grego, ainda que complementar em termos da formação do pensamento ocidental, o que pretendo, aqui, em um primeiro momento, é falar a respeito do caráter de Iahweh, de suas qualidades, daquilo que o distinguiria, como um sujeito. Neste ponto, antecipo que farei uso de algumas idéias de um crítico

---

<sup>1</sup> A epígrafe é um curto poema de *Amavisse* (Hilst, 1992: 84), livro anterior a *Sobre a tua grande face*, que com ele guarda muitas semelhanças, sobretudo no ponto que aqui me interessa trabalhar.

norte-americano, o polêmico Harold Bloom, expostas na segunda parte de *Jesus e Javé: os nomes divinos*, tendo em vista o auxílio de sua erudição no que concerne à personalidade do deus javista, segundo o autor, extremamente diferente daquele que figura nas narrativas sacerdotais, sendo estas duas, as fontes javistas e as sacerdotais, as principais referências formadoras da Bíblia hebraica. Partindo da leitura de duas passagens específicas do *Gênesis*, e das contribuições de Bloom, quero identificar traços da personalidade de Iahweh, para, em seguida, contrastá-los com o que se vê em alguns poemas de *Sobre a tua grande face*, de Hilda Hilst, poeta brasileira da segunda metade do século vinte, em cuja obra a figura de um deus é presença constante. A perspectiva comparatista permitiria uma espécie de iluminação recíproca dos termos contrastados, e, no caso, em especial, um esclarecimento a respeito de aspectos relevantes da poética da autora paulista.

Na primeira parte do *Gênesis*, segundo a edição brasileira tradicional intitulada *As origens do mundo e da humanidade*, no fragmento de número três, cuja fonte, ao que tudo indica, seria javista, relata-se o decantado episódio da queda, da expulsão do homem do paraíso. Em determinado momento, a personagem que aparece como Iahweh Deus, aquele que, nos termos do texto, teria modelado o homem com a argila do solo, diz, aparentemente encolerizado, dirigindo-se à mulher: «Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, / na dor darás à luz filhos. / Teu desejo te impelirá ao teu marido / e ele te dominará» (Bíblia, 1994: 35). Em seguida, Iahweh, ainda em um discurso modelado em versos, fala ao homem:

Porque escutaste a voz de tua mulher  
e comeste da árvore que eu te proibira comer,  
maldito é o solo por causa de ti!  
Com sofrimentos dele te nutrirás  
todos os dias de tua vida.  
Ele produzirá para ti espinhos e cardos,  
e comerás a erva dos campos.  
Com o suor do teu rosto  
comerás teu pão  
até que retornes ao solo  
pois dele foste tirado.  
Pois tu és pó  
e ao pó tornarás. (Bíblia, 1994: 35-36)

Partes complementares de um mesmo discurso, as passagens expõem o primeiro castigo imposto por Iahweh aos homens, que cometem uma falta, um primeiro pecado. Ao comerem o fruto que lhes daria o conhecimento do bem e do mal, o que corresponderia a uma espécie de autonomia moral, o homem e a mulher quebram uma regra a

que estavam sujeitos, transgredindo um preceito estabelecido pelo deus. Iahweh, uma figura que se mostra irascível, não tolera o gesto, que se configura como um atentado à sua soberania. Severamente, o deus amaldiçoa o solo e destina às suas criaturas uma vida de dores e sofrimentos.

Não muito adiante, na seqüência da narrativa, depois do episódio do dilúvio, em que Iahweh se arrepende da criação do homem, afligi-se com isso – «Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração» (Bíblia, 1994: 39) –, e resolve extinguir a vida na terra – «Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu –, porque me arrependo de os ter feito» (ibid.: 39) –, salvando, entretanto, Noé e seus descendentes, aparece a segunda passagem que me apetece destacar, também um fragmento javista, conhecido como o episódio da torre de Babel. Iahweh diz, ameaçador, dirigindo-se aos anjos de sua corte, mas falando dos homens, dessa vez em prosa:

Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçam! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros. (ibid.: 45)

De modo semelhante ao que acontece na narrativa da queda, a ação de Iahweh corresponde novamente a uma vontade de impedir que os homens ameacem o seu poder, conquistando, com suas próprias iniciativas, uma maior independência, uma maior capacidade de agir livremente. Mais uma vez, tem-se a imposição de um castigo, uma pena. Iahweh, um deus que se aflige com os homens, um deus arrependido e, por que não dizer, temeroso, volta a ser aquele que pune.

Em *Jesus e Javé: os nomes divinos*, Harold Bloom, pensando acerca de uma psicologia pessoal de Iahweh, segundo ele, uma figura inalcançável para a representação, afirma se tratar de uma personagem enigmática, mas, ao mesmo tempo, profundamente humana, dotada de inclinações e atributos humanos. Na perspectiva de Bloom, Iahweh se desenha como uma figura bastante diferente daquela do deus da Bíblia cristã, que se ausenta da terra, fazendo de seu domicílio as cortes celestiais. Iahweh não seria um deus celestial, mas antes o mais humano dos deuses, cujo caráter corresponderia ao de um guerreiro feroz, agressivo, combativo, ou mesmo, aproximadamente, ao de uma personagem de Shakespeare, como o Rei Lear, pai e monarca irascível. Segundo o autor, Iahweh estaria sempre se ocultando e se revelando, alternando presença e ausência, embora nunca se ausentasse por completo, mesmo em seu isolamento. Efetivamente, de acordo com Bloom, o próprio nome da entidade significaria *estar presente*. Enigmático, Iahweh não deixa que se conheçam os seus passos, de modo que a pergunta que os homens se fazem sempre corresponda à interrogação sobre se o deus agirá. Trata-se de um sujeito imprevisível, dono de uma mente labiríntica, uma figura que confunde

as expectativas dos homens, e cuja fúria, muitas vezes, mostra-se súbita e arbitrária. Bloom abusa dos adjetivos para traçar o perfil do deus. Iahweh seria perverso, vingativo e mesmo homicida. Curioso, ciumento e irrequieto, o deus sofreria de um *pathos*, o da aflição por seu isolamento, aí residindo uma grande ambivalência sua. Nos termos de Bloom, trata-se de um deus todo-poderoso, mas perpétua e surpreendentemente aflito.

O autor de *O cânone ocidental* fala também, em um ponto relevante de sua análise, do amor de Iahweh pelo povo escolhido, os hebreus. Segundo o crítico, diferentemente do que acontece com o deus cristão, Iahweh não seria capaz de experimentar um amor absoluto, mas apenas um sentimento condicional e revogável. Por outro lado, a personagem estaria longe de ser um sujeito incompleto, como o homem freudiano, que «precisa se apaixonar, para não se sufocar em um eu interior saturado» (Bloom, 2006: 254). Em sentido diverso do que caracterizaria o deus cristão, Iahweh não teria criado por amor, assim como não seria um deus brando, mas um deus severo, que, exigindo um amor reverente e leal, seria capaz de experimentar apenas alguma ternura, a qual, no entanto, não minimiza a sua irascibilidade. Iahweh não seria um deus benevolente, reclamando sempre uma quantidade exagerada de amor, ainda que na forma de devoção e respeito, mas não sendo capaz de retribuí-lo. Tem-se, enfim, um deus sempre furioso com o homem, com uma fúria apenas controlada, e um sujeito inconstante, no qual, nos termos de Bloom, decididamente, não se pode confiar, embora seja preciso amar. Spinoza, citado pelo crítico norte-americano, é quem teria dito que é preciso aprender a amar a este deus sem jamais esperar que ele nos ame.

Agora, veja-se o poema da poeta, prosadora e dramaturga Hilda Hilst, publicado em *Sobre a tua grande face*, livro de 1986, em que a voz lírica freqüentemente se dirige àquele que ela chama de Sem Nome:

Hoje te canto e depois no pó que hei de ser  
Te cantarei de novo. E tantas vidas terei  
Quantas me darás para o meu outra vez amanhecer  
Tentando te buscar. Porque vives de mim, Sem Nome,  
Sutilíssimo amado, relincho do infinito, e vivo  
Porque sei de ti a tua fome, tua noite de ferrugem  
Teu pasto que é o meu verso orvalhado de tintas  
E de um verde negro teu casco e os areais  
Onde me pisas fundo. Hoje te canto  
E depois emudeço se te alcanço. E juntos  
Vamos tingir o espaço. De luzes. De sangue.  
De escarlate. (Hilst, 1992: 108)

Parte de uma série maior de dez textos, não intitulados, que formam um todo, o poema e livro *Sobre a tua grande face*, a composição mostra o diálogo entre a voz lírica, pertencente a alguém que canta, a uma poeta (dona de um «coração de fêmea» (Hilst, 1992: 110), como se lê em outra passagem), e um interlocutor, que se configura como um objeto do desejo, o Sem Nome. Logo no primeiro verso, tem-se a identificação do sujeito lírico com a idéia de que o homem vem do pó e a ele voltará, tal como Iahweh havia desejado, no *Gênesis*, quando da expulsão do homem e da mulher do paraíso. Em seguida, associa-se, no poema, o canto e a busca, como se o móvel do canto, a sua razão de ser, fosse o desejo de encontrar o outro, imaginado como um ser capaz de dar a vida, ou «vidas», como se vê entre o segundo e o terceiro verso.

Na seqüência, no quarto verso, aparece uma afirmativa contundente, e, a princípio, ousada, tendo em vista que quem fala se encontra, evidentemente, em uma posição de inferioridade em relação ao seu interlocutor. Neste momento do texto, o sujeito lírico afirma que o Sem Nome dele necessita, dele precisa para se alimentar, ou mesmo apenas para pisá-lo. No caso, o Sem Nome parece ter dois tipos de fome. Uma seria aquela que se poderia saciar com o verso da poeta. Outra, a que se satisfaria somente de modo sádico, com o sofrimento dela.

Entre os últimos quatro versos, lê-se uma frase, «Hoje te canto e depois emudeço se te alcanço», que remeteria à possibilidade de alcançar o inalcançável. Entretanto, note-se como o texto parece indicar que, se isto de fato acontecesse, restaria apenas um profundo silêncio, a mudez, a ausência do canto, do desejo, do impulso vital. O poema termina, significativamente, com a imagem de uma batalha sangrenta, que se imagina ser a luta entre a voz lírica e o Sem Nome, intensa e fulgurante batalha de que emanam luzes e cores escarlates.

Em outros poemas do mesmo livro, a relação conflituosa entre o sujeito lírico e o Sem Nome continua sendo um motivo fundamental. Quanto a este aspecto, vale lembrar dois momentos diferentes da obra. Primeiro, a oitava composição do conjunto, em que a relação entre os dois interlocutores é marcada por «um sem fim de batalhas», que consistem nas sucessivas tentativas, todas malogradas, da poeta em tocar o outro, em percebê-lo com alguma concretude: «Porque trabalho sobre o teu rosto / De palha: construo o impossível»<sup>2</sup>. Depois, o último texto do livro, em que, misturadas a sedução («Volta a minha própria cara seduzida / Pelo teu duplo rosto: metade raízes / Oquidões e poço, metade o que não sei») e a luta («E volta o fervente langor / Os sais, o mal que

<sup>2</sup> Transcrevo o texto, na íntegra: «Lavores, cordas e batalhas / O que me vem da alma. / Lavor / Porque trabalho sobre o teu rosto / De palha: construo o impossível / Meu senhor. Cordas, porque te amarro / Com as turquesas informes do desejo. / E um sem fim de batalhas / Porque prender a ti num coração de fêmea / É querer lavores: o quebradiço constante / Porque tento com a palha / A finura perfeita de um semblante. / E o que deve fazer / Quem não se lembra mais do mais perfeito / E de si mesma só tem o humano gesto?» (Hilst, 1992: 110).

tem sido esta luta»), aparece a imagem do terreno onde se dá a batalha, uma «arena crispada de punhais»<sup>3</sup>.

Na quinta composição do conjunto, o que se vê é, novamente, a ousadia da poeta. Manifestando-se como uma oponente diferenciada, ela lança ao seu contendor a pergunta:

Vem apenas de mim, ó Cara Escura  
 Este desejo de te tocar o espírito  
  
 Ou és tu, precisante de mim e de minha carne  
 Que incendeias o espaço e vens muleiro  
 Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões  
 Rebenque caricioso  
 Sobre a minha anca viva?  
 (...) <sup>4</sup>

O Sem Nome, agora, é nomeado como *Cara Escura*, epíteto que, como o primeiro, indica, sobretudo, a sua inacessibilidade. A interrogação deixa evidente a possibilidade de que esta entidade, embora inacessível, seja tocada por uma falta, uma necessidade, idéia que, notadamente, remete ao pathos que Bloom imagina ser próprio de Iahweh, à aflição de que ele sofreria por se encontrar em isolamento. No universo de Hilst, ao que parece, efetivamente, a necessidade do Sem Nome encontraria satisfação apenas no interior de uma batalha entre ele e o homem. Os signos que configuram o Cara Escura como um guerreiro são claros. Ele é aquele que possui sabre, clavina, cinturões e um rebenque. A relação entre as duas figuras antagônicas, muitas vezes, aproxima-se de uma relação sadomasoquista, em que o deus é o sádico, e o homem, o masoquista. Ainda no mesmo poema, a poeta aparece como alguém cuja ação cotidiana é seduzir o outro, mesmo que com facas («Que a cada dia preparo, no seduzir / Tua fina simetria»). Em contrapartida, o Sem Nome mantém-se, a um só tempo, obscuro e cintilante, como um sujeito que, embora possa experimentar alguma inquietude em relação ao outro, jamais o busca. Prevalece, aqui, algo próximo da dinâmica de ausência e presença,

<sup>3</sup> Transcrevo a primeira estrofe do poema, deixando a segunda para o encerramento do artigo: «Escaldante, Obscuro. Escaldante teu sopro / Sobre o fosco fechado da garganta. / Palavras que pensei acantonadas / Ressurgem diante do toque novo: / Carrascais. Gárgulas. Emergindo do luto / Vem vindo um lago de surpreendimento / Recriando musgo. Voltam as seduções. / Volta a minha própria cara seduzida / Pelo teu duplo rosto: metade raízes / Oquidões e poço, metade o que não sei: / Eternidade. E volta o fervente langor / Os sais, o mal que tem sido esta luta / Na tua arena crispada de punhais» (Hilst, 1992: 112).

<sup>4</sup> Eis o resto do texto: «Ou há de ser a fome dos teus brilhos / Que torna vadeante o meu espírito / E me faz esquecer que sou apenas vício / Escureza de terra, latejante. // Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura / Com a qual me disfarço. As facas / Com os fios sabendo à tangerina, facas / Que a cada dia preparo, no seduzir / Tua fina simetria. E vem de ti, Obscuro, / Toda cintilância que jamais me busca» (Hilst, 1992: 106).

própria de Iahweh, conforme o entende Harold Bloom, em que o *estar presente* pode não significar uma presença como a esperada pelo homem, ou como a ardentemente desejada pelo sujeito lírico de Hilst.

Vejam-se, por fim, trechos da composição que abre *Sobre a tua grande face*, em que os imperativos traduzem de modo contundente um desafio, ao mesmo tempo em que se espelha o que seria o desejo do Sem Nome: «Dá-me pobreza e fealdade e medo / E desterro de todas as respostas / Que dariam luz / A meu eterno entendimento cego»<sup>5</sup>. No texto, distingue-se, a partir da percepção da voz lírica, a perversa psicologia de seu interlocutor, de quem se procura, talvez inutilmente, despertar algum amor: «(...) Apenas estreitez e fardo. / Talvez assim te encantes de tão farta nudez. / Talvez assim me ames: desnudo até o osso / Igual a um morto». A se acreditar na semelhança entre o Sem Nome e Iahweh, entretanto, é certo que não se pode ter fé neste *talvez*, já que o deus dos hebreus, como diz Bloom, não é um deus capaz de amar.

Em *Sobre a tua grande face*, como tentei demonstrar, ainda que de forma sucinta, observam-se traços caracterizadores do Sem Nome que muito o aproximariam do deus dos hebreus, o Iahweh da *Tanach*, sobretudo em se aceitando as informações de Bloom sobre a psicologia deste último. Distanciado do universo de um deus que se sacrifica pelo homem, um deus pai benevolente, o Sem Nome de Hilst não seria de maneira alguma, como diz o crítico norte-americano a respeito de Iahweh, um sujeito agradável. Ambas as figuras, a de Hilst e a da *Tanach*, compartilham um espírito belicoso, são agressivas, inacessíveis e perversas. É Bloom quem diz que se apegar somente a Iahweh é arriscar um trauma perpétuo. Em *Sobre a tua grande face*, de fato, é o que parece acontecer com o sujeito lírico, com a voz feminina que fala nos poemas. Em se tratando de Hilst, repare-se, entretanto, que haveria algo de positivo neste trauma, uma vez que dele nasceria a poesia, fruto da exuberância e excesso da poeta. O sujeito lírico de Hilst, como no último poema do livro, embora seja carne e poeira, e perecível, brilharia de um modo único, afetando, apenas deste modo, aquele que não se pode alcançar. No caso deste universo poético, a poesia seria o que faz o poeta ser mais aos olhos do outro, o que o engrandece. O canto, enfim, é o espaço em que algum desafio pode ser lançado àquela inacessível e obscura alteridade:

---

<sup>5</sup> A transcrição é integral: «Honra-me com teus nadas. / Traduz meu passo / De maneira que eu nunca me perceba. / Confunde estas linhas que te escrevo / Como se um brejeiro escoliasta / Resolvesse / Brincar a morte de seu próprio texto. / Dá-me pobreza e fealdade e medo. / E desterro de todas as respostas / Que dariam luz / A meu eterno entendimento cego. / Dá-me tristes joelhos. / Para que eu possa fincá-los num mínimo de terra / E ali permanecer o teu mais esquecido prisioneiro. / Dá-me mudez. E andar desordenado. Nenhum cão. / Tu sabes que amo os animais. / Por isso me sentiria aliviado. E de ti, Sem Nome / Não desejo alívio. Apenas estreitez e fardo. / Talvez assim te encantes de tão farta nudez. / Talvez assim me ames: desnudo até o osso / Igual a um morto» (Hilst, 1992: 103).

E destes versos, e da minha própria exuberância  
E excesso, há de ficar em ti o mais sombroso.  
Dirás: que instante de dor e intelecto  
Quando sonhei os poetas na Terra. Carne e poeira  
O perecível, exsudando centelha. (Hilst, 1992: 112)

## Bibliografia

- ARISTÓTELES (2005). «Arte poética». In Aristóteles; Horácio; Longino. *A poética clássica*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 19-52.
- BLOOM, Harold (2006). *Jesus e Javé: os nomes divinos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HILST, Hilda (1992). «Amavisse». In *Do desejo*. Campinas: Pontes, 31-88.
- (1992). «Sobre a tua grande face». In *Do desejo*. Campinas: Pontes, 101-112.
- Bíblia de Jerusalém* (1994). *Gênesis*. Nov. ed. rev. São Paulo: Paulus, 31-105.

**Resumo:** Neste pequeno artigo, tento aproximar a poesia de Hilda Hilst da Bíblia hebraica, tendo como eixo de análise, em uma perspectiva comparatista, a observação sobre duas figuras: a do deus da *Tanach* e a de uma alteridade muito particular presente nos poemas de Hilst.

**Abstract:** In this brief article, I try to juxtapose Hilda Hilst's poetry and the Hebrew Bible. In order to do that, from a comparative perspective, I concentrate on two figures: *Tanach's* god and a very singular character present in Hilst's poems.